

Grande Amor

Entrevista com Daniel Salve

Qual os aspectos mais relevantes desse novo trabalho, Grande Amor?

Tem uma coisa que, quando eu fiz o primeiro disco e da qual eu quis fugir, e que nesse trabalho é gritante e que eu preferi enaltecer, que é a teatralidade.

De onde vem a forte pegada pop de Grande Amor?

Abracei essa sonoridade pop como forma de expressar um tipo de música com o qual eu cresci e pelo qual fui extremamente influenciado, o pop internacional dos anos 80, 90, Michael Jackson, George Michael, Queen, Madonna, Alanis Morissette... ao mesmo tempo cresci ouvindo Gilberto Gil, Caetano Veloso, Rita Lee...

E como você processou essas referências para criar seu trabalho?

Todos esses artistas estão nas minhas referências. Mas, ao mesmo tempo, eu tentei trazer isso para uma conjuntura dentro de um tipo de música no Brasil que é difícil de fazer, uma música que seja pop mas não necessariamente caia numa sonoridade óbvia. Muitos artistas buscam um outro caminho, indo mais em busca de raízes. Neste trabalho, eu busco no pop universal.

Você fala de uma sonoridade mais alternativa, que tem dominado a cena paulistana?

Atualmente há artistas que contribuem com trabalhos muito ricos e muito interessantes, com uma sonoridade única – mas talvez eu não converse muito diretamente com a maioria deles, pelo menos não neste trabalho. O importante foi eu tentar me contextualizar nesse cenário: para mim, fazer música tem muito a ver com a sonoridade, mas também com o conteúdo das letras, com a mensagem que eu quero passar – e sei que isso gera um bode nas pessoas. As maioria das pessoas não quer música com mensagem e nem está a fim de ficar pensando muito... Eu tinha, então, de achar um modo de fazer isso e, ao mesmo tempo, ser atraente para quem ouvisse minhas músicas.

Como você definiria a sonoridade de Grande Amor?

A sonoridade que resultou neste segundo disco é simples em termos musicais. Eu sabia que queria fazer um disco que eu gostasse de ouvir, que fosse alto astral, que você pusesse pra dançar, pra curtir, pra ouvir no carro. Quero que as pessoas se sintam bem ouvindo o trabalho. As músicas têm uma pegada dançante e uma sonoridade mais limpa – mas, ao mesmo tempo, com pluralidade. Tentar propor minha visão do pop. Afinal, hoje, o que é pop no Brasil? Acho que estou procurando essa resposta.

O tema amor foi determinante do trabalho?

Quando percebi, o tema amor estava ali. Quando eu comecei a pensar no disco, parti de um ponto mais conceitual, mas no processo eu acabei diversificando, tanto que foi difícil escolher título: eu sempre pendia para algo mais conceitual. Aí, decidi que a escolha era pela pluralidade de sonoridades, de temas – mesmo que o amor fosse um tema recorrente, eu tinha escolhido o título "multiversos", de uma história de muitos universos dentro de um mesmo disco, mas vi que continuava conceitual demais, mesmo quando o disco já estava bem adiantado. Eu já tinha metade das canções, que eu já vinha compondo nos últimos anos – e o resto foi sendo feito ao longo do processo de produção. Uma vez que abracei a o pop, fui mais pela sonoridade do que propriamente pelo tema.

Mas o amor acabou dominando como temática...

Quando o disco estava pronto e vi que estava permeado por essa coisa do amor - não só do amor romântico- mas desse amor universal – a jornada do disco acabou se tornando essa. Amor como tarefa para fazer do mundo um lugar melhor. Aprender a perdoar, a dar a outra face, ser mais tolerante – mil formas de amor. Até chegar na constatação de se perceber dentro desse "grande amor". A gente busca esse amor de forma egoísta: quer receber, mas não dar...

Como foi o processo de produção do disco?

Foi o Rique Azevedo, que é o co-produtor junto comigo, me encorajou a fazer o disco. Eu tinha algumas composições bem adiantadas, que eu havia gravado em casa. Mostrei essas músicas, ele ouviu e disse "cara, vamos produzir, vamos fazer". Foi quando eu pedi: "não me deixa botar nada além do necessário, quero uma sonoridade essencial." Eu sou um cara que gosta de grandiloquência, curto orquestrar – vem até da minha experiência com musicais, adoro escrever para cordas, vozes, só me permiti essa grandiosidade nos vocais (que é uma assinatura do meu trabalho, do que eu faço). Mas é a simplicidade que leva à essência, então busquei o essencial em todas as etapas do trabalho.

Podemos dizer que é uma sonoridade mais acessível?

Me deixei mais levar por uma sonoridade simples e pulsante – e até assumi que tem aspectos mais comerciais do ponto de vista da produção. Tentei deixar de lado um certo preconceito meu em me tornar mais acessível, de alguma forma. Não só para que as pessoas me conhecessem, mas que também ouvissem o que eu tinha para falar.

Como foi reunir o time que fez o disco?

As pessoas que participaram do disco: Rique Azevedo compositor e produtor, artista com leque muito aberto. Ele, junto com o João Milliet, me ajudou a fazer o disco se aproximar dessa sonoridade pop. O Rique me apresentou o Dudinha, que gravou os baixos, e que trouxe um groove excepcional ao disco, principalmente nas faixas mais dançantes. O Fernando Baggio, baterista com que já trabalho há muito tempo, é essencialmente um músico do jazz, mas também tem um trabalho de pesquisa de timbres e ritmos, contribui fazendo o pouco soar grande, com uma pegada bem brasileira... por mais pop que eu quisesse ser, ele contribuiu para que o ritmo brasileiro estivesse ali... Estive cercado de gente competente e acessível.

Este novo trabalho é uma continuidade do primeiro?

Quando lancei meu primeiro disco, *Psycotropic*, estava voltando a morar no Brasil, depois de viver nos EUA. Era um disco todo em inglês, lancei de maneira tímida... Quando foi para lançar mesmo, fazer divulgação, fazer show bacana no MIS, e divulgar, eu já estava em outro lugar em termos artísticos, minha cabeça estava em outro lugar e eu já estava numa viagem pessoal de recolhimento, em outro processo de busca. Interrompi no meio. Não trabalhei muito ele. Me arrependo um pouco disso, mas eu tinha um produto difícil de comercializar aqui e ao mesmo tempo eu já não estava mais lá fora. Tinha uma sonoridade mais louca, conceitual. Agora, assumi tudo por completo, com uma performance de outro ciclo, quase que como um segundo com gosto de primeiro. Não que tenha feito concessões, mas brinco que “saí do armário” e abracei a minha veia pop.

=====
=====

A história por trás de cada canção

Daniel Salve revela um pouco dos bastidores de suas composições para Grande Amor

“VORAZ”

O processo de composição desta faixa foi muito parecido com o de fazer uma escultura. VORAZ foi se deixando revelar aos poucos, apesar de eu compreender intuitivamente a temática que existia por trás da produção e da melodia. Também sabia que era uma canção mais pessoal, e por isso mergulhei na questão da dualidade, da sede de ser e de expressar o melhor de si em um mundo que nem sempre quer o melhor dos outros. Quando digo “é difícil não ser voraz”, acho que na verdade estou querendo dizer “me desculpem, eu não consigo fazer diferente”.

“LEVE LOVE”

Eu estava fora da cidade, passando um feriado em uma fazenda na Serra da Mantiqueira com um grupo de amigos. Numa noite a melodia do refrão simplesmente me acertou como um raio. Quando sentei pra transformar aquela indeia numa canção, todo o resto surgiu muito rápido. Eu sem dúvida entendi que era uma música que grudava no ouvido, pois ela não saiu da minha cabeça por semanas.

“BABEL”

Comecei a escrever BABEL no dia 15 de dezembro de 2014, quando houve aquele atentado no café em Sidney e acredito que ela expressa claramente um sentimento de inconformação com a falta de amor no mundo, e também a perplexidade em assistir pela janela da televisão/computador a incapacidade dos humanos se entenderem.

“PARECERES”

Também é uma canção que eu escrevi ha algum tempo, e ela emergiu de um sentimento de percepção de que tudo estava mudando ao meu redor e de que era necessário rever todos os medos e certezas absolutas. Acho que é a canção mais cerebral do disco.

“SIMPLE SONG”

Essa é a canção mais “antiga” do repertório. Na época eu estava descobrindo alguns pequenos e secretos prazeres do relacionamento cotidiano, da convivência

mesmo. Eu gosto muito dessa faixa e sabia que eu ia gravá-la algum dia. Fiquei muito feliz quando ela entrou no repertório.

“A JORNADA DO LOUCO”

Talvez seja a canção mais simples e ao mesmo tempo a mais profunda deste repertório, e por isso ela se reveste com melodia e arranjo quase infantis . A letra na verdade é uma parábola sobre a nossa viagem no mundo, a jornada da vida, e como se nela pudéssemos ouvir uma voz que nos reafirma constantemente para que nos mantenhamos firme no compromisso de nos transformarmos em pessoas melhores e mais sábias, na única certeza que temos que é a do retorno para o lugar de onde viemos (seja ele qual for). Originalmente, escrevi “a jornada” para uma das minhas afilhadas, que na época vivia em Gibraltar .

“TELETRANSPORTÁTIL”

Essa faixa nasceu do próprio título. A palavra “teletransportátil” me veio à mente e comecei a desenvolver uma letra que falava sobre essa ideia da mente ser um teletransporte que a gente leva com a gente e que é capaz de nos teletransportar pra muito, muito longe. Resultou numa canção sobre distanciamento, de conexão com o que realmente importa.

“FRONTEIRA SEM LIMITES”

Essa pra mim é a canção mais melancólica do disco. Nasceu de um sentimento estranho, uma mistura de frustração, ansiedade e culpa (a partir de um encontro inusitado, intenso e com um final mal resolvido), mas que desemboca numa canção sobre resignação. Há nela um certo sentimento de confiança naquilo que pode e naquilo que não pode ser. Acho que a “fronteira sem limites” é a capacidade de entender a força e o poder de um encontro breve e que nos transforma sem a gente perceber.

“SEREMOS SERENOS”

Essa música é uma declaração de amor e ponto, rs. Mas ela propõe um amor sereno, uma tentativa de abraçar a experiência amorosa em uma relação a dois de forma desapegada de expectativas, com a compreensão de que “nada nem ninguém pode ser de alguém pra sempre” e que “pra sempre pode ser só um instante” . Acho que experimentar essa certeza de que, seja numa relação ou na vida como um todo, tudo é transitório e está em constante transformação, e de que a serenidade vem como consequência da aceitação de que sempre haverá algo no outro a ser descoberto.

“144”

Vejo esse número a todo momento, o tempo todo, quase como uma mensagem diária. Descobri que 144, dentre muitas e muitas coisas, é o número místico da “vitória do bem contra o mal”. Usei isso como inspiração para compor uma música mais densa, pulsante e que falasse sobre o zeitgeist, sobre a escuridão, sobre o caos, mas do ponto de vista da luz.

“PÉGASO”

Eu já havia escrito essa melodia há algum tempo, mas ela tinha outra letra e originalmente se chamava “NOVO SOL”. Mostrei a música pro Rique Azevedo sem muita expectativa e ele adorou a canção. Disse pra ele que eu precisava trabalhar na letra. Busquei deixar a antiga letra pra trás e buscar algo novo porque eu também achava que a música tinha potencial. Um dia, cantarolando a melodia, esta imagem de um grande cavalo branco com grandes asas me veio à mente, e entendi o que aquilo queria dizer. Era algo bem abstrato porque ao mesmo tempo que eu queria falar sobre inspiração, elevação e todas as coisas que estão contidas no símbolo do Pégaso, sabia que corria o risco de ficar piegas. Confesso que também duelei um pouco com essa letra, afinal não é nada fácil domar um cavalo alado, mas no fim acho que é uma das minhas canções favoritas e sem dúvida, a mais poética.

“GRANDE AMOR”

Escrevi essa canção no dia 1º de janeiro de 2013. Havia passado a virada do ano sozinho, muito recolhido. Estava saindo de um ciclo no qual havia feito um profundo mergulho interno durante alguns anos. Eu estava muito contemplativo, com um grande sentimento de amor por tudo e todos. Lembro-me de que ela simplesmente saiu inteira de uma vez. Depois, quando fui gravá-la, revi alguns poucos versos e só. Tudo já estava ali. Escolhi GRANDE AMOR para ser o título do disco porque acho que ela é sem dúvida o ponto final dessa jornada reflexiva, onde eu gostaria que o ouvinte chegasse: na sensação de que estamos contidos em um grande e infinito amor.

ASSESSORIA DE IMPRENSA:

Piky - Mariana Candeias

Batucada Comunicação - Assessoria de Imprensa

pikycandeias@batucadacomunicacao.com

tel: +55 (11) 98202 3804

www.batucadacomunicacao.com